



**ARAGUARI**  
**Canhoneira**

**Incorporação:** julho de 1858.

**Baixa:** 15 de janeiro de 1878.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Uma das 12 canhoneiras a vapor mandadas construir na Inglaterra e França sob a fiscalização do Almirante Tamandaré. Aportou ao Rio de Janeiro a 23 de agosto de 1858, acompanhada da *Araguaia*, *Iguatemi* e *Ivaí*.

Tinha as seguintes características: 415 toneladas de deslocamento; 146 pés de comprimento; 22 pés de boca; 12 pés de pontal e outros 7,5 pés de calado. Dispunha de uma máquina que lhe proporcionava a força de 80 c.v., imprimindo uma velocidade de 9 nós. Era artilhada com duas peças de calibre 68 de 2ª classe, dispostas em rodízios, e outros dois canhões de calibre 32 de 5ª classe, posicionados em bateria. Sua guarnição, em tempos de paz, era definida em 77 homens, aumentando para 94 em tempos de guerra. Batizada com o nome de dois rios brasileiros que banham as terras dos atuais estados de Minas Gerais e



Amapá. Foi-lhe passada mostra de armamento em julho de 1858, assumindo como seu primeiro comandante o Primeiro-Tenente Thomé de Castro Araújo.

Partiu de Londres e chegou ao Rio de Janeiro ao final de agosto. Suspendendo logo a 2 de outubro para evoluções, regressou no dia 18 do mesmo mês. Seguiu para o Pará, em 29 de março de 1859, de onde retornou somente no dia 9 de março do ano seguinte. Ao comando do Primeiro-Tenente Inácio de Vasconcelos e sob o distintivo do Chefe de Divisão Jesuíno Lamego Costa, atracou no Desterro, na Província de Santa Catarina, em 14 de setembro de 1860. A 4 de novembro desse mesmo ano embarcou o presidente daquela Província a fim de inaugurar o Farol de Naufragados.

Em 30 de setembro de 1863, no Rio de Janeiro, assumiu interinamente seu comando o Primeiro-Tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz, futuro Barão de Tefé, que foi efetivado na função no dia 11 de janeiro de 1864. Seguiu para Montevidéu e, já no cenário da Campanha contra Aguirre, a 26 de agosto desse mesmo ano, perseguiu o navio uruguaio *Villa del Salto*.

Já no contexto da Campanha da Guerra da Tríplice Aliança, regressou à Santa Catarina, em 2 de janeiro de 1865, onde recebeu, por Aviso dessa mesma data, três peças de calibre 68, de 2ª classe, e outras duas de calibre 32, de 5ª classe. Suspendendo rumo ao Rio da Prata logo no dia 25 do mês seguinte. No dia 25 de maio desse ano, participou dos combates para a tomada de Corrientes e, no dia 11 de junho, ainda sob o comando do Primeiro-Tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz, tomou parte na Batalha Naval do Riachuelo integrando a Esquadra do Almirante Barroso, que havia partido de Buenos Aires com o objetivo de subir o Rio Paraná a fim de bloquear, efetivamente, as Forças Navais inimigas. Contando, para essa missão, com 81 praças e 8 oficiais da Armada em sua tripulação, além de 77 soldados e 11 oficiais do 9º Batalhão de Infantaria do Exército. Integravam sua oficialidade os seguintes militares: Armada: os Primeiros-Tenentes Eduardo Augusto de Oliveira (Imediato) e Eduardo Frederico M. Gonçalves; Segundo-Tenente Manoel Augusto de Castro Menezes; Guarda-Marinha Rodrigo Antônio de Lamare; Primeiro Cirurgião Dr. Domingos Soares Pinto; Comissário de Terceira-Classe Manoel Cândido da Silva; Escrivão de Terceira-Classe Crioncides de Castro Ferreira Chaves e o Prático Manoel Montavio. Exército: Tenentes



Joaquim Manuel da Silva Sá e Manoel Erasmo de Carvalho Moura; Alferes José Plácido Lucas Brion, Feliciano de Lira, Albino José de Faria e Álvaro Conrado Ferreira de Aguiar; Primeiros-Cadetes Manuel de Faria Lemos e Manuel José da Silva Leite e os Segundos-Tenentes Marcolino Franco da Silva Lessa, Miguel Muniz Tavares e Joaquim José de Mello Filho.

Em novembro de 1865, encontrava-se em Corrientes e, em março do ano seguinte, seguiu para Três Bocas em reconhecimento ao Passo da Pátria, levando ao seu bordo os Tenentes Silveira da Mota e Cunha Couto para, junto ao comandante do navio, realizarem o reconhecimento dos passos do Paraná até Itati. Foi alvejado ao passar pelo Forte de Itapiru e encalhou na Pedra do Passo do Carajá, na tarde do dia 21 de março, de onde desencalhou, fazendo água em razão das avarias sofridas, na manhã do dia 22.

Navegando em Divisão, a 19 de maio passou a cumprir missões de exploração ao longo do Rio Paraguai até a volta das Palmas. Em 12 de agosto participou dos combates em passo de Cuevas e, no dia 22 de setembro, tomou parte no bombardeio ao Forte de Curupaiti, seguindo para Corrientes logo no dia 25 do mesmo mês. A 22 de novembro seguiu para o Passo da Pátria, de onde voltou, no dia seguinte, com comunicações para o Marquês de Caxias. Participou ainda, em 2 de fevereiro de 1867, de novo bombardeio ao Forte de Curupaiti. Após esse embate, devido aos muitos reparos que necessitava, regressou ao Rio de Janeiro no dia 9 de fevereiro e foi posto em disponibilidade, por meio de Aviso de 23 de março de 1867, enquanto durasse o período de reparos.

Em 7 de maio desse ano já se encontrava novamente no cenário das operações da Campanha da Tríplice Aliança, subindo em divisão o Rio Paraguai até a boca do Rio Atajo, em missão de reconhecimento. Terminada a guerra, regressou ao Rio de Janeiro sob o comando do Capitão-Tenente Carlos A. de Faria Veiga, onde este foi substituído pelo Primeiro-Tenente Antônio Gonçalves de Rosa.

No ano de 1873, a *Araguari* já era empregada em ações afetas à sinalização náutica. Por meio do Aviso nº 1653, de 30 de julho desse ano, o Capitão de Fragata Antônio Joaquim de Mello embarcou a fim de levar a cabo a elaboração de novas instruções náuticas, além de



## Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



organizar aquelas já existentes. Tais orientações seriam empregadas como guia para os navegantes que demandassem os portos onde se instalavam novos faróis.

Em 22 de janeiro de 1876, o Capitão de Fragata Francisco José de Freitas assumiu seu comando e, por Aviso de 26 de janeiro do mesmo ano, acumulou também o cargo de diretor da Repartição de Faróis. Entre os dias 16 de setembro e 30 de outubro visitou, em inspeção, os faróis de Cabo Frio, Santa Luzia, Abrolhos, Morro de São Paulo, Santo Antônio da Barra, São Marcelo e Itapoã. Nesse mesmo ano, considerada imprópria para o serviço de sinalização náutica, foi substituída pelo Vapor Transporte *Bonifácio*.

Por meio de Aviso, de 15 de janeiro de 1878, foi determinado seu desarmamento. Em 13 de dezembro de 1882, a Secretaria de Marinha resolveu, de acordo com o parecer do Quartel-General de Marinha, exarado em Ofício nº 1.037 desse mês e com parecer do Inspetor do Arsenal de Marinha da Corte, em Ofício nº 983, do dia 7 do mesmo mês, que fosse desarmada a Canhoneira *Araguari* e destinada a servir de escola prática de aparelho de manobra dos aprendizes-marinheiros da Escola do Rio Grande do Sul.